

As pinturas rupestres da Fazenda Moenda e da Lapa do Bode em Ituaçu – Bahia.

Lígia Pinho Magalhães¹

O registro rupestre é uma das facetas com que o arqueólogo se depara no decorrer de suas atividades, sendo aquela que implica em uma maior subjetividade nas diferentes tentativas de análise e interpretação deste fenômeno. (NETTO, Carlos X. de A, 1995, p.66).

A Arqueologia é uma ciência em construção, como as demais ciências, ela possui métodos próprios de investigação e objetos próprios de estudo – sejam eles na esfera material ou na esfera imaterial – assim, segundo Funari (1988), *a arqueologia estuda os sistemas socioculturais com o decorrer do tempo, a partir da totalidade material produzida e transformada pela sociedade*. Dentre os demais materiais estudados pela arqueologia (sambaquis, cerâmicas, material lítico, geoglifos), a arte rupestre é o objeto de estudo que mais fascina quanto sua origem, sua intenção suas simbologias. Nesse sentido, o texto dá ênfase ao estudo da arte rupestre e o potencial simbólico das pinturas que se encontram não só nos sítios da Lapa do Bode e na Fazenda Moendas, mas também em diversas outras áreas da região de Ituaçu na Bahia.

Por muito tempo, tem sido questionado o termo ‘arte’ rupestre, pois alguns pesquisadores alegam o fato de que as pinturas só têm valor estético ou quase nenhum, pois fazia parte apenas do ócio indígena. O que na verdade, esse argumento já fora derrubado, pois hoje entende – se a ‘arte’ rupestre como uma forma comunicativa das sociedades pré – históricas, e o termo ‘arte’ por já ter sido consagrado, não tem sido mais discutido quanto ao seu uso ou não, com tanto que entendamos que não se trata apenas de um valor estético, por trás das imagens iconográficas existem significados, o que nos leva a estabelecer que as pinturas rupestres sejam formas criativas de comunicação feitas pelos pré – históricos em sua sociedade.

¹ Aluna do 8º semestre do curso de História da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. E-mail ligiapinho14@hotmail.com

Sobre as pesquisas que são desenvolvidas acerca da arte rupestre, Prous (1992) define as principais direções de pesquisas que são: *1) As determinações estilísticas, necessária para realizar comparações; 2) A determinação da sucessão dos estilos e eventualmente datação; 3) e por fim, a interpretação dos grafismos, o campo mais complexo e que ainda tem muito a se estudar.* Assim, quando entende - se que as pinturas rupestres possuem a intenção de manifestação comunicativa, tem - se utilizado a semiótica (*estudo das linguagens e dos signos*), para compreender esse fenômeno comunicativo que fora a arte rupestre para os grupos humanos primitivos.

Para fazer uma análise dos signos utilizando a semiótica em arte rupestre, é de grande importância, deixar claro que, embora conceitue - se prováveis significações para os signos, estes não passam de meras especulações, já que não podemos definir a verdadeira mensagem que fora transmitida pelo produtor da pintura. Assim utilizamos as *análises punctuais* - parâmetros estabelecidos por Prous (1987) - que são procedimentos semióticos.

SEMIÓTICA EM ARTE RUPESTRE

Mas como fazer análise semiótica em arte rupestre? A resposta para essa questão está no fato de que ao se trabalhar com semiótica na linguagem articulada (fala e escrita), nós como receptores/ observadores das mensagens, decodificamos com mais facilidade e/ou possível real interpretação os significados demonstrados pelos signos, já em pintura rupestre, a identificação do significado dos diversos signos é bastante complicado, pois o receptor/pesquisador não possui contato direto com o produtor das imagens rupestres, o que cabe aqui dizer é, quando se analisa (com procedimentos semióticos) a arte rupestre não se procura estabelecer a verdadeira significação dos signos e/ou das mensagens, mas sim procura - se interpretar as diversas possibilidades de representação das mensagens, utilizando é claro a análise dos diversos artifícios que proporcionem tais interpretações como, a cultura do grupo, a paisagem local, a interferência ou não de outros grupos humanos na grafia rupestre do local, o sítio arqueológico do local (artefatos encontrados), e, principalmente, entre outras análises, as de organização interna dos painéis (ritmo, combinações de técnicas, luminosidade, hierarquia entre os grafismos, jogo entre forma e fundo e até a acústica das cavernas).

Assim, pode – se dizer que, ao trabalhar com semiótica em sítios rupestres, o receptor/pesquisador tem com objetivo tentar interpretar, subjetivamente, as possíveis mensagens que os povos pré – históricos passaram aos seus semelhantes grupais ou até repassaram a possíveis grupos sociais que habitaram o mesmo local em diferente época. O que entende – se é que, pesquisando os painéis de arte rupestre através de procedimentos semióticos, é antes de dizer em *uma tradução do que estava escrito nos painéis* (NETTO, 1995), é tentar esclarecer possíveis mensagens implícitas dessa arte, onde nos forneçam informações necessárias para um maior entendimento dos costumes e da cultura transpassada pelo produtor da pintura.

Então a Arte Rupestre seria uma expressão estética de grupos pré – históricos, os quais produziram e manipularam um conjunto de signos, formando um repertório, que seria entendido pelo restante do grupo. (NETTO, 1995, p. 69)

DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS LAPA DO BODE E DAS INSCRIÇÕES DAS MOENDAS

Em Ituaçu, Bahia, através dos levantamentos feitos por Valentin Calderón² foram encontrados 24 sítios de arte rupestre. Entre esses sítios, este trabalho vem a apresentar dois desses sítios e que possuem atrativos turísticos na região, por se localizarem em paredões rochosos, onde encontram – se grutas, piscinas naturais e cachoeiras.

- ***LAPA DO BODE***

É um sítio de pintura rupestre, além de tratar – se ser um dos sítios levantados por Valentin Calderón em 1967, apresentando diversos conjuntos gráficos situados numa encosta de calcário, próximo a gruta. Suas coordenadas de localização são (24L 025299

² A atuação do espanhol Valentin Rafael Simon Joaquim Calderón de La Vara na arqueologia baiana esteve concentrada nos anos 60; ligado a UFBA e associado ao PRONAPA, durante este período realizou inúmeros levantamentos, prospecções e escavações em sítios pré-coloniais do interior. Nos anos 70, voltou-se aos estudos de arte sacra, quando dirigiu o Museu de Arte Sacra da UFBA. Nestes últimos dez anos de sua atividade, até o seu falecimento em 1980, sua contribuição à arqueologia resumiu – se a escavação do subsolo do antigo Colégio dos Jesuítas em Salvador (hoje, parte da área do MAE), a coordenação distante do “Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico” em 1976-7 (no qual, pouco atuou), ao cargo de delegado regional do IPHAN para assuntos arqueológicos e a idealização e negociação para a fundação do MAE/UFBA, além de algumas publicações. (COSTA, 2005).

UTM 8469 208), as pinturas rupestres foram produzidas em tons de vermelho, branco e alguns tons escuros, sendo demonstradas pelo produtor possíveis figuras zoomorfas, antropomorfas e ainda representações geométricas aparentando – se talvez um tipo de ritual e/ou de demonstração da fauna da região da época que fora produzidas.



Fig. 1 Vista parcial das grafias encontradas em uma parte do paredão de calcário no Sítio Lapa do Bode. Foto: Elvis Barbosa. Data: 01/04/2008.

- *INSCRIÇÃO DAS MOENDAS*

O sítio está situado na localização (24L 0248570 UTM 8476130), e assim como o sítio Lapa do Bode, fora encontrado por Valentin Calderón em 1964. Comparando – se ao Sítio da Lapa do Bode, o Sítio Inscrições das Moendas não possui grafismos em abundância como a Lapa do Bode. As grafias rupestres encontram – se em paredões de quartzito na Fazenda das Moendas, onde apresentam – se em meio a uma beleza natural,

cenário de piscinas naturais, rio corrente e uma cachoeira que são apreciados pelos turistas. Quanto à aparência das grafias, elas estão representadas em tons vermelhos (composto por óxido de ferro), são figuras simples, geométricas e talvez míticas.



Fig.2. Vista parcial do paredão de quartzito com algumas figuras representadas em tons vermelhos. Foto: Elvis Barbosa. Data: 02/04/2008.

ANÁLISE EM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES



Fig. 3. Localizada no sítio Água Preta, em Ituaçu – Bahia. Foto: Elvis Barbosa. Data: 08/05/2008.

A fig. 3 aparentemente para nosso entendimento contemporâneo dos signos, a priori, se perguntasse o que este ‘símbolo’ nos aparenta ser, diríamos que nos parece ser um sol, mas ao fazer uma análise sobre a cronologia em que a figura fora feita, a cultura a que fora produzida, pode – se perceber que outros possíveis significados esta figura pode ter, por exemplo: pode ser uma mão humana ou animal (pois envolta ao círculo existe cinco linhas redirecionadas) e /ou pode ser também a simples representação da

localidade da aldeia (a aldeia seria o círculo e as setas os possíveis caminhos existentes entorno da aldeia). Por esta razão, é que se analisa a relação dos signos entre si e com seus supostos usuários, nesse caso, o grupo indígena ao qual o produtor tentou comunicar – se e/ou este mesmo produtor tentou dessa forma demarcar o terreno da sua etnia, do seu grupo social.



Fig. 4. Detalhe de uma das representações encontradas no Sítio da Lapa do Bode, Ituaçu, Bahia. Foto: Elvis Barbosa. Data: 01/04/2008.

Já na fig. 4, encontramos várias representações humanas e zoomorfas sobrepostas à outra figura geométrica de coloração vermelha e preta. Fazendo uma análise desta representação, podemos concluir que, talvez, outro grupo humano deva ter passado no local, em diferente momento, e este outro produtor, acrescentou sua grafia, o aspecto da cultura dos seus semelhantes no local, sobrepondo o desenho do antigo produtor do painel.

CONCLUSÃO

A arte rupestre é ao mesmo tempo um testemunho material e não material. A arte rupestre é um elo entre o mundo material e o mundo imaginário do homem pré – histórico, significando para os arqueólogos a possibilidade de ir além da cultura material. (SEDA, Paulo, 1995, p. 471 e 473.)

Explicar o valor científico das gravuras significa desmitificar o conceito de ‘bestialidade’ do homem pré – histórico e admitir que tais gravuras *são testemunhos voluntários do passado pré – histórico* (LAMING – EMPERAIRE, 1970). Ao se utilizar procedimentos semióticos em arte rupestre, é de se entender que, os signos das pinturas rupestres possuem diversos significados, mas este mesmo signo se analisado em conjunto com os outros signos dos painéis ou até se comparados a outros painéis de outras regiões, podem significar uma temática, seja ela um ritual religioso ou de caça, dança, fertilidade, determinação de poderil territorial, enfim, significa dizer que essas pinturas podem nos informar a cultura e o cotidiano do produtor da mensagem e do seu grupo social. Nesse sentido, ao mostrar as pinturas de Ituaçu, pode – se perceber a potencialidade de tais testemunhos dos antepassados indígenas aqui na Bahia. Por fim, deve – se divulgar a importância patrimonial e científica das grafias rupestres, não só pela beleza dos painéis, mas por que nesta arte está implícito os depoimentos: ambiental(a existências ainda ou não dos tipos de fauna e flora na região); o etnológico(descrição dos costumes e crenças dos grupos humanos e que é mostrado voluntariamente nas pinturas rupestres) e por fim, o estético(através da análise das causas, condições, e técnicas utilizadas na produção artística do painel).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- GASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora UnB, 1992. 605p.
- NETTO, Carlos X. **A questão da semiótica na interpretação da arte rupestre**. In: **Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p.65 – 76.v.II. Disponível em: www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ra.
- SEDA, Paulo. **Arte Rupestre e Reconstituição Arqueológica: Enfoque e Contexto**. Coleção Arqueologia. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996, p.469 – 488, nº 1, v.I. Disponível em: www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ra.
- BIBLIOGRAFIA LEVANTADA*
- DEELY, John. **Semiótica básica**. São Paulo: Ática, 1990. 192 p. (Série fundamentos; n. 80) ISBN 850803721X
- ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991. 304 p. (Série fundamentos; n. 64) ISBN 8508038143.
- ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. 282 p. (Coleção estudos, ;n. 73).
- LAMING – EMPERAIRE, Anette. **Système de pensèe et organisation social dans l' art rupestre paléolithique.Homme de Cro – Magnon.Antropologie et Archéologie (1860-1960)**. Paris: Centre de Recherches Anthropologiques, Pré – Historiques et Etnographicques, 1970, 197 – 212 p.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 103).
- TENORIO, Maria Cristina. **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.